

18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)
Grupo de Trabalho: Sociologia da Cultura

**Causando impressão: hipóteses em torno da edição “independente” e da
culturalização da política no caso FLIA (Buenos Aires, Argentina)**

José de Souza Muniz Jr.
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Introdução

Na página 26 de uma revista que se chama *Gazpacho*, que é esta aqui [...], há um artigo escrito por Guido Indij, que é um editor... ééé... editor, mas como não podem ser lidos textos de outros, vou ler um texto meu, que também saiu nessa revista...¹

A referida edição de junho de 2011 da revista *Gazpacho*, publicada pelo Centro Cultural de España de Buenos Aires, tinha como tema “Indústrias criativas” e trazia, dentre outros, os posicionamentos de Guido Indij e Matías Reck. O editor de La Marca, que define-se no texto como “um militante da diversidade e da livre expressão”, defende o papel dos livreiros e questiona: “No caso de que todos os livros possam ser baixados grátis na internet, de que viveriam escritores, editores, livreiros e toda a cadeia de produção do livro? Em pleno século XXI não existe legislação que os projeta sem violar a liberdade de expressão e respeitando os direitos de todos: criadores e usuários”². Já o editor de Milena Caserola conclui seu texto de modo contundente: “privar alguém de queimar um livro à luz de uma fotocopiadora é promover a desapareição de leitores”³.

A fala de Matías Reck, reproduzida acima, acontece no 3^{er} Slam de Poesía Argentina, realizado em julho de 2011. Dois aspectos desse episódio mínimo podem revelar questões importantes sobre a FLIA, agrupamento que ele ajudou a constituir. O primeiro deles é a atitude iconoclasta do editor-poeta com relação ao *slam*: em vez de recitar um poema, Reck gasta seus três minutos na competição tergiversando, falando sobre o próprio *slam* e prometendo ler um texto que, ao final, não é lido. Acontece que – segundo aspecto – a explicitação desse texto e a menção ao editor de La Marca podem ser lidas em chave irônica, em duas vias. Primeiro, porque na suposta pretensão de ler o texto de Indij se expõe justamente o oposto: a decisão de não lê-lo. Segundo, porque na definição falsamente hesitante de “editor... editor” que Reck atribui a Indij é necessário ler o não dito: a ação militante de Indij – criador da EDINAR – como editor “independente”. O editor de Milena Caserola opera, com isso, uma desclassificação de Indij, tomando para si o rótulo que nega ao outro sem explicitá-lo. As entrelinhas dessa intervenção irônica de

¹ Matías Reck apud Sebakis, “Matías Reck x 3er Slam de Poesia Argentina”, 30 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P2Q4uEicn3l>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

² Guido Indij, “Sobre los libros de papel y el riesgo de la desaparición de una industria”, *Gazpacho*, n. 6, jun. 2011, p. 20.

³ Matías Reck, “Copys: derecha o izquierda?”, *Gazpacho*, op. cit., p. 26.

Reck são reveladoras das relações de cooperação e disputa centrais para a constituição do espaço da edição “independente” na Argentina nos últimos anos.

A fabricação de um grupo

A família é, simbolicamente, o lugar do afeto por excelência. Em espanhol, a *familia* é referida pelo acrônimo *fli*a. Não parece casual que esse tenha sido o nome escolhido para uma feira de editores e autores “independentes” que surge em Buenos Aires em meados dos anos 2000. Nesse caso, porém, o acrônimo se torna sigla – FLIA, que designa a *Feria del Libro Independiente y)A*(. E o afeto é apenas um dentre os vários sentidos a que esse)A(remete na curta mas contundente história desse coletivo de agitadores culturais que se origina na Argentina e se espraia por rincões os mais diversos da América Latina.

É certo que, em anos recentes, o universo de feiras de editores e publicadores “independentes” se adensou e diversificou na cena cultural portenha⁴. Em meio a essa multiplicação de feiras reunindo coletivos de arte impressa, autores autopublicados e pequenos editores na capital argentina, a FLIA é o evento que atraiu maior atenção do público e do interesse acadêmico, por sua duração e por sua disseminação geográfica, bem como pelas características sócio-políticas que as distinguem das outras. Para além desses fatores, que a tornam única dentre as feiras portenhas, um aspecto mais se mostra relevante: a FLIA é aquela que adota de maneira mais persistente o rótulo da edição “independente”, revestindo-a de sentidos que vale, aqui, explorar. Sua precedência temporal com relação às outras iniciativas permite pensá-la como ponto de partida desse circuito de feiras – que, não obstante, difere da FLIA em muitos aspectos. Tampouco parece casual que essa proliferação de iniciativas diversas aconteça no momento em que o modelo original da FLIA parece esgotar-se: alguns dos empreendimentos que marcaram presença em seu primeiro quinquênio de existência começam a crescer e/ou profissionalizar-se, e passam a compartilhar, com outras editoras já relativamente estabelecidas, espaços como a Feria de Editores, a Feria La Sensación e os estandes compartilhados na grande feira da Rural. Por outro lado, uma nova coorte geracional,

⁴ Por exemplo, a Feria de Editores, idealizada por Victor Malumián, da Ediciones Godot e realizada desde 2013; a Feria La Sensación, que ocupou algumas vezes a calçada da livraria La Internacional; o Buenos Aires Fanzine Fest, que começou em 2010 e tem reunido anualmente algumas dezenas de projetos de publicação numa pequena galeria do bairro de Palermo; e outras feiras de pequenos projetos editoriais segmentados que têm reunido projetos de cunho *punk*, *heavy*, anarquista etc.

distinta da que fundou a FLIA, começa a tomar as rédeas de sua promoção, com o apadrinhamento de alguns dos remanescentes dos primeiros tempos.

Recuemos, então, uma década: o enquadramento sócio-histórico da emergência da FLIA é o das ressonâncias da profunda crise política, econômica e institucional de 2001 no âmbito das práticas culturais na Argentina. Para Cecilia Palmeiro, “essas novas condições de possibilidade da literatura produziram o resgate de experiências esquecidas e fracassadas de politização estética, em contextos onde a ideia clássica de compromisso era obsoleta”⁵. Adiante, ela argumenta:

Na Argentina, dezembro de 2001 significou uma ruptura cuja configuração concreta não era, em absoluto, previsível, nem mesmo nas análises que anunciavam a inviabilidade e o esgotamento da política de convertibilidade que havia regido os anos 90. Particularmente na cidade de Buenos Aires (embora não exclusivamente), um punhado de editoras, publicações, escritas, artistas, amigos alguns deles, que vinham trabalhando desde fins dos anos 90 para gerar circuitos instantâneos, experimentais e lúdicos de produção e circulação, acharam que, para além de sua vontade e sem que houvesse meditado uma busca programática, o cenário local havia se movimentado a tal ponto que eles pareciam estar no lugar correto, isto é, numa margem relativamente autossuficiente, capaz de gerar ações e artefatos a granel num contexto de escassez e mobilização; acontece que seus pequenos livros, suas minúsculas salas, seus modestos insumos [...], permitiam sustentar e inventar um mercado menor em meio à recessão, e articulava com novos modos de militância sem que a pergunta pela função do intelectual ou o papel da arte fossem condições das alianças.⁶

Os últimos suspiros da década neoliberal e a grave crise política que culminou com a ascensão do kirchnerismo teriam precipitado, assim, uma espécie de “mini boom editorial minoritário”⁷, marcado pela multiplicação de agrupamentos de reflexão e ação política com vertentes de ação e reflexão estética. A Buenos Aires da recessão torna-se o lugar propício para a emergência de experimentos político-culturais singulares no panorama latino-americano, e fenômenos como Eloísa Cartonera e FLIA figurariam como resultados dessa nova ambientação. Marilina Winik, socióloga que participou da FLIA desde os primórdios, argumenta que a feira é “herdeira desses processos, na medida em que construiu outras maneiras de trabalhar e pôs em jogo subjetividades não mercantilistas,

⁵ Cecilia Palmeiro, *Desbunde y felicidad*, op. cit., p. 11. A hipótese de fundo da pesquisadora é que algumas práticas contraculturais argentinas surgidas nessa ocasião se nutriram da importação de matrizes intelectuais brasileiras, como o cordel nordestino e a poesia marginal dos anos 1970 e 1980.

⁶ Cecilia Palmeiro, *Desbunde y felicidad*, op. cit., p. 331.

⁷ Cecilia Palmeiro, *Desbunde y felicidad*, op. cit., p. 337.

afetivas e resistentes apoiadas em redes de trabalho”⁸. Embora não caracterize de modo adequado a totalidade de agentes, projetos e programas que se nuclearam em torno da FLIA anos depois, essa conjuntura fornece o chão comum com o qual essa feira se estabelece como ponto alto da coletivização de iniciativas culturais coetâneas.

Segundo as narrativas de origem da FLIA, no final dos anos 1990 alguns escritores se conheceram ao vender livros na rua, em lugares como a plaza Cortázar, no bairro de Palermo. Junto com outros escritores, começaram a se reunir, e desses encontros iniciais nasceu a Agrupación de Escritores Independientes (AEI). Essa figura do escritor “independente” (adjetivo já em voga) como vendedor ambulante de livros é central para o modo como a FLIA se gera simbolicamente alguns anos depois. A deambulação pelo espaço público constituirá a fachada desse agenciamento coletivo porque materializa, em sua relação com a cidade, a recíproca negação que a constitui: dos autores-editores para com as instâncias tradicionais de comercialização e divulgação, e vice-versa.

A expressão embrionária dessa dupla recusa é a “contrafeira” que alguns desses agitadores montam, a partir de 1998, em frente à tradicional Feria Internacional del Libro de Buenos Aires, na “Rural”⁹. Improvisando bancadas e esteiras para expôr seus livros nas calçadas, eles interpelavam o público que se aglomerava e fazia filas para entrar no evento. Naqueles primórdios, eles apresentaram à grande Feira reivindicações como a entrada gratuita, a reserva de um pavilhão às pequenas editoras e livrarias e o oferecimento de descontos nos livros vendidos em todos os estandes.¹⁰

Em 2006, em vez de realizar uma vez mais a contrafeira, o grupo decide fazer uma feira própria. Nasce, assim, o gesto inaugural que investe de positividade a negação primordial em torno da qual tais escritores e editores se aglutinaram. Em sua primeira edição, ela se chama Feria del Libro Independiente (FLI) – sequência de palavras que produz uma interessante dubiedade: independente é a feira, ou é o livro? O lugar escolhido para instituir essa pequena Porto Alegre contra a Davos editorial de Palermo foi o Sexto Kultural, um espaço autogestionado no bairro de Chacarita. Dentre os nomes presentes

⁸ Marilina Winik, “Experimento FLIA”, In: *Actas de las Jornadas “Producción cultural, nuevos saberes e imaginarios en la sociedad argentina contemporánea, a la luz de la globalización”*, Instituto de Investigaciones Gino Germani: Buenos Aires, 2010, p. 2. Disponível em: <<http://webiigg.sociales.uba.ar/globalizacioncultural/act-academicas/jornadas2010/mesa3/mesa3-Winik.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

⁹ Nome pelo qual é conhecido o Centro de Exposições mantido pela Sociedad Rural Argentina no bairro de Palermo, que abriga a Feria del Libro de Buenos Aires desde meados dos anos 1970.

¹⁰ FLIA, *Feria del Libro Independiente*. FLIA: Buenos Aires, 2006, p. 6.

na pequena antologia que resulta desse encontro¹¹, constam algumas das figuras que estariam presentes em sua organização nos anos subsequentes: Diego Rojas, Pablo Strucchi, Dafne Mociulsky, Ezequiel Ábalos (que foi o anfitrião no “microfone aberto”), Leonor Silvestri, Anahí Ferreyra. Compareceram a esta primeira edição aproximadamente 50 expositores, dentre os quais a Editorial Madres de Plaza de Mayo, a Federación Libertaria Argentina, os Erroristas, a Milena Cacerola de Reck, revista *Sudestada*, a Eloisa Cartonera de Cucurto, a El Asunto de Strucchi etc. Trata-se, sobretudo, de autores autoeditados; pequenos coletivos de escritores e artistas produzindo livros, zines e revistas; e projetos editoriais vinculados a associações, movimentos de militância e centros culturais geridos pela sociedade civil. Assim foi feito o relato do acontecimento:

E chegou 14 de maio, feira no Sexto, nada mais, muito leva e traz, que o som, que a mostra de arte, os estandes, a imprensa, as conversas, o programa com seu respectivo mapa do lugar. E começaram a chegar os expositores, pondo seus *brochures*, timidamente alguns, outros fazendo instalações dignas de uma feira “alternativa”, outros pendurando seus panos, os demais lá, puxando toalhas com fanzines, e quando a feira transbordava, começaram os estandes ambulantes. Então a feira explodiu, no cenário, desde cedo, poetas, recitações, contação de histórias, *performances*, vinho e breja, poesia cantada, mestre de cerimônia, mais agitação, e terminamos pelados como tinha que ser.¹²

Esse relato mostra um pouco da informalidade, do improvisado, do festejo e do clima de celebração juvenil que predominariam nos encontros seguintes, e o texto esbanja o tom debochado presente em vários dos materiais de divulgação do evento dali em diante. Tal relato, aliás, consta num material que se tornaria praxe da FLIA no decorrer dos anos: a edição de um livro “ao vivo”. Dispõe-se de um microcomputador e de uma impressora, e aqueles que queiram contribuir com um conto, um relato ou um poema podem se aproximar para digitá-lo no processador de texto. No mesmo dia ou numa edição seguinte da FLIA, imprime-se e encaderna-se o material, que começa então a ser distribuído e vendido. A realização desse livro “ao vivo” materializa, assim, um ideal de democratização do acesso à edição, condensando uma aposta – da FLIA e de outros coletivos – “no modo de produção como um posicionamento político frente ao mercado editorial e às instituições culturais”¹³. Além deste, dois outros aspectos dessa primeira FLIA devem ser destacados.

¹¹ Idem, *ibidem*.

¹² FLIA, *Feria del Libro Independiente*, op. cit., p. 7.

¹³ Cecilia Palmeiro, *Desbunde y felicidad*, op. cit., p. 16.

O primeiro deles é o convite que o coletivo organizador da feira faz a José Luis Mangieri (1924-2008), fundador de La Rosa Blindada, para que participasse do evento e falasse sobre sua experiência de edição “independente”. Figura icônica da intelectualidade argentina de esquerda e da resistência aos regimes autoritários dos anos 1960 e 1970, Mangieri militara no Partido Comunista, que o expulsou em 1959. La Rosa Blindada caracterizou-se por publicar edições baratas, de grandes tiragens, distribuídas tanto em livrarias como em bancas – “espírito de época que Boris Spivacow impôs, nestas terras, como o diretor de Eudeba a partir de 1955, tornando verdadeiramente popular a leitura e a compra de livros”¹⁴. O lançamento dos livros editados por Mangieri era feito em sindicatos, centros acadêmicos e comitês de resistência.

Segundo Darío Benedetti, “para La Rosa, a radicalidade estética não era uma esfera secularizada que poderia ser experimentada sem uma radicalidade política, e vice-versa”¹⁵. Também destacam-se o papel de Mangieri como articulador intelectual entre variadas frações do espectro progressista de sua época e entre várias regiões da vida cultural argentina (da literatura à música, passando pelas ciências sociais e pelo cinema); e a inventividade com que criou e dirigiu vários selos (La Rosa, Caldén, Ediciones del 80, Libros de Tierra Firme), tendo se aventurado também como livreiro, dono de gravadora e poeta. Por fim, considere-se o carisma de que goza sua celebrada figura (que conta, ademais, com o beneplácito de sua origem de imigrante pobre):

[...] nosso amigo Mangieri é: jocoso, autônomo, cobiçador, criador, lúcido, irônico, balsâmico, lírico, ético, passional, fiel. [...] Um editor lendário, um granjeiro simples, pai de centenas de filhos, um dançarino de noturnas barafundas amorosas, um homem da revolução. [...] Resistente, anedótico, amigo, imbatível, clandestino [...]. Um herói, íntegro, disposto, afetuoso, jovem, aberto [...] independente, anarco, audaz, protetor, portenho, fatal [...].¹⁶

É justamente por esse *ethos* de agitador cultural e articulador de sociabilidades intelectuais afinado com as expressões contraculturais de seu tempo, e desbravador de circuitos alternativos de distribuição, para além das órbitas do mercado tradicional e do Estado, que Vanoli situa Mangieri como figura ideal-típica do “editor militante” na tradição

¹⁴ Darío A. de Benedetti, “Contenido y forma de una coraza”. In: Raúl González Tuñón, *La Rosa Blindada: edición facsimilar*. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2014, p. 18.

¹⁵ Darío A. de Benedetti, “Contenido y forma de una coraza”, op. cit., p. 19.

¹⁶ Hernán Casabella e Karina Barrozo, “Prólogo”. In: José Luis Mangieri, *Es rigurosamente cierto*. Buenos Aires: Libros del Rojas, 2004, p. 7-8.

“independente” argentina¹⁷. Winik, por sua vez, menciona “a presença, no imaginário da FLIA, das práticas e ideias das vanguardas e do movimento artístico que se desenvolveu por fora dos circuitos acadêmicos nos anos 1960, assim como o compromisso assumido pela luta de esquerda insurgente nos anos 1970”¹⁸. Também não custa lembrar que, em sua trajetória editorial, sobretudo nas relações que manteve com o Partido Comunista e com o Estado, o editor de *La Rosa Blindada* é, dentre os editores vivos naquele momento, o que melhor convoca o espírito de independência e dissidência de que os jovens da FLIA se sentiam investidos. Com tais credenciais de afinidade eletiva, não é de se surpreender que Mangieri tenha sido a figura convocada para levantar a aldeia dos “independentes” da FLIA portenha, situando-os como rama de uma tradição de culturalização da política que aquele velho de guerra representa e encarna como nenhum outro¹⁹.

O segundo aspecto a ser destacado na FLIA inaugural do Sexto Kultural é que já de saída o grupo escolhe, como lugar de realização da feira, um espaço do tipo que eles próprios viriam a chamar “territórios em disputa”. Trata-se, sobretudo, de lugares que são ou que foram objeto de litígio entre a sociedade civil e agentes privados, ou entre a sociedade civil e o Estado, ou ainda que se tornaram cooperativas ou empreendimentos autogeridos. Abrangem, principalmente, lugares recuperados por iniciativa da sociedade civil (assembleias de bairro, grupos culturais, trabalhadores da indústria) após processos de abandono, decreto de falência e/ou demissão em massa por parte dos proprietários.

Dentre esses locais, pode-se mencionar o Mercado Bonpland, fundado em 1914 e recuperado em 2002 pela Asamblea de Palermo Viejo. Dentre as fábricas recuperadas, destacam-se a IMPA (indústria de alumínio no bairro de Almagro, onde hoje também funciona um centro cultural e de memória e um curso profissionalizante popular), La Nueva Esperanza (fábrica de balões recuperada em 2004, na região de Villa Devoto), e a Chilavert Artes Gráficas (recuperada em 2002, no bairro de Barracas). Também abrigaram a FLIA a antiga sede do Patronato de la Infancia (ex-*Padelai*), em San Telmo, ocupada por famílias sem-teto organizadas em cooperativa e que, em 2011, entraram em conflito com as autoridades municipais pela iminência de seu desalojamento definitivo; e o

¹⁷ Hernan Vanoli, *Por una sociología del espacio editorial. Cuatro modelos de edición literaria en Argentina en el siglo XX. Tese (Mestrado em Ciências Sociais)*. Buenos Aires: UBA, 2010.

¹⁸ Marilina Winik, “Experimento FLIA”, op. cit., p. 2.

¹⁹ Os relatos da participação de Mangieri na FLIA no Sexto Kultural encontram-se em: FLIA, *Feria del Libro Independiente*, op. cit., p. 124-6.

Corralón de Floresta, espaço recuperado pelos moradores do bairro em 2005, onde passaram a funcionar atividades culturais e uma escola secundária.

Nesses espaços e em muitos outros, a FLIA foi realizada sempre em apoio a esses movimentos da sociedade civil e contra as tentativas de retomada por parte de seus “legítimos” proprietários, via de regra escudados por forças policiais. Em alguns casos, convocaram-se as chamadas “FLIAs de emergência”, por ocasião de fatos que exigiram mobilização imediata e onde a feira de publicações se irmanou a outras causas: contra o fechamento do teatro Sala Alberdi e de outros centros culturais; contra a expulsão de famílias pobres de espaços ocupados; contra a onda de linchamentos; e, mais recentemente, contra as demissões na Biblioteca Nacional. O que, de todo modo, vale ressaltar é que, para a maior parte dos integrantes da FLIA, o apoio a essas mobilizações e a presença nos espaços autogeridos não era algo novo: trata-se, sim, da retomada de repertórios de ação previamente cultivados por eles em seus engajamentos específicos e convertê-los no formato “feira do livro”.

As decisões referentes à concretização de cada feira são realizadas em reuniões abertas e autoconvocadas. Nessas reuniões, decidem-se a data e o local de realização, as atividades que serão promovidas, a divisão das tarefas, a interlocução com os movimentos da sociedade civil envolvidos com o espaço onde se faz cada feira etc. Desde o início, essas reuniões acontecem na sede da rádio La Tribu FM, no bairro de Almagro. La Tribu é uma rádio “alternativa, comunitária, social”, um “coletivo de comunicação e cultura” que funciona desde 1989 e se define da seguinte maneira:

Uma voz se faz circuito e o broto altera a ordem. Compomos em liberdade como a orquestra das folhas com o ar. Continua o assobio. Começar um percurso. Sob a terra somos bosque latindo que recebe uma furiosa descarga e a devolve feita fruto. Animar-se a brincar coletivamente e a gerar curto-circuitos. La Tribu. Acesa. Um mural de cores, duas portas abertas, alto-falantes ligados, lentes em foco, código aberto; punho e som. Você conhece La Tribu?²⁰

Além de abordar temas como direitos humanos, economia solidária, povos indígenas etc., La Tribu se propõe a divulgar a produção de artistas “independentes” em todas as suas vertentes. Assim, tanto por sua localização geográfica (no centro geográfico da

²⁰ Extraído de: <<http://fmlatribu.com/quienes-somos/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

cidade de Buenos Aires) como por suas origens e vínculos políticos e ideológicos, La Tribu é o lugar propício a tais encontros. Essa vinculação produziu novos frutos alguns anos atrás, quando a Rádio La Tribu começou a transmitir a Rádio FLIA, programa semanal no qual escritores e editores “independentes” discutem suas obras; bandas “independentes” tocam ao vivo; fala-se da FLIA e das pautas artísticas e políticas nela vigentes.

A feira é autoconvocada, ou seja, basta que o expositor se apresente no dia do evento com seus produtos e o suporte para expô-los (toalha, mesa desmontável, bancada, varal de chão etc.), sem necessidade de inscrição/seleção prévia ou pagamento de taxa. Além disso, a FLIA costuma trazer em sua programação oficinas de encadernação manual, xilogravura, fotografia, criação literária etc.; debates sobre temas literários, políticos e sociais; apresentações de teatro, circo, dança e música; projeção de filmes e documentários; mostras de artes visuais; contação de histórias e apresentações de mágicos e palhaços para as crianças etc. Tais atividades ora funcionam como parte de uma programação pré-estabelecida, anunciada nos materiais de divulgação do coletivo para atrair o público, ora acontecem de maneira espontânea no calor do momento, conforme a vontade dos artistas que se fazem presentes. Há também o microfone aberto, que qualquer pessoa pode usar para declamar poemas, anunciar outros eventos, dar opiniões sobre temas do momento ou divulgar suas próprias produções.

O andamento da feira varia conforme a espacialidade na qual a FLIA se insere a cada vez que acontece: ao ar livre ou em espaços fechados; com vários ambientes ou apenas um; em espaços contíguos às ruas e praças ou em locais afastados da circulação de carros e pedestres. Sempre em relação estreita com o espaço urbano e com seus significados pretéritos e atuais, a FLIA preserva uma aura de improviso e imprevisibilidade coerentes com algumas de suas principais pretensões estético-políticas. Em uma versão bastante idealizada, o poeta e editor Lucas Amuchástegui narra seu contato com a FLIA:

As feiras são vividas e experimentadas por todos como celebrações populares da cultura no sentido menos arquetípico do termo, e mais fluido. Não encontraremos solenidade, seriedade ou um sentido da arte muito trágico no que se pode ver dessas reuniões, mas, pelo contrário, um espírito de festa, alegria e comunidade. [...] dentro do movimento geral, que é muito, e caótico, a gente se pergunta como a garotada se organiza para cumprir com objetivos tão fixos em prazo e tempos. E aí não resta outra coisa senão imaginar uma

espécie de revoada de pássaros que sabe muito bem para onde está indo e por quê. Então, se o rumo é seguro, há apenas que seguir o caminho.²¹

Contra o risco de idealizar o grupo dessa maneira, como se uma espécie de força mágica governasse as energias sociais ali acumuladas, não se pode deixar de considerar que essa “revoada de pássaros” da FLIA é fruto de um processo de imaginação de projetos societários em nível mais amplo. Para além de pensá-la como instância de visibilidade de produtores ligados ao livro e à literatura, ela se torna legível quando remetida às formas de engajamento e militância que produzem novas formas de politização da juventude portenha no pós-crise, para dentro da porta da *tribu* mas também para fora dela.

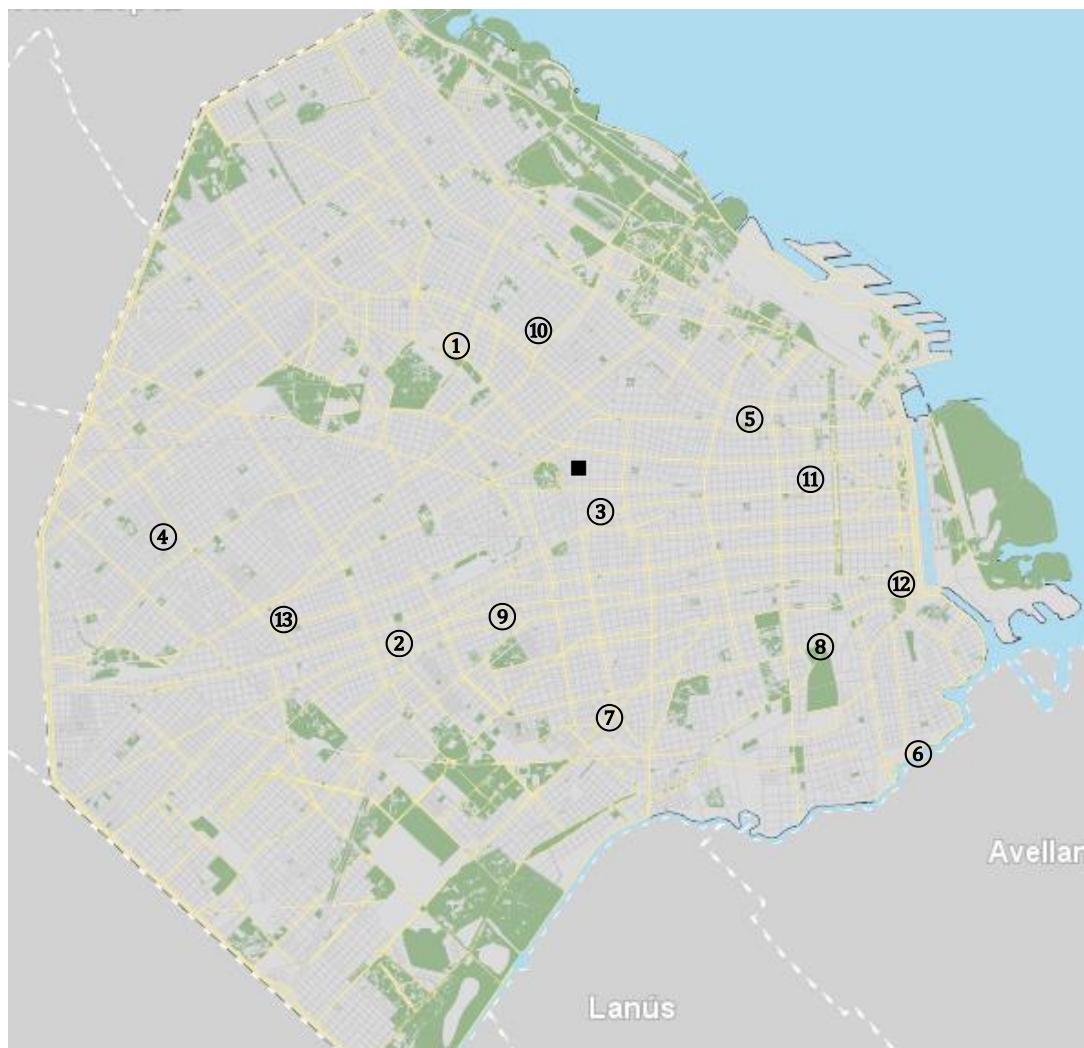
*FLIA Capital – algumas datas e locais de realização*²²

■ Rádio La Tribu – Almagro (sede das reuniões FLIA Capital)

Data	Local
14 maio 2006	① Sexto Kultural – Chacarita
9 dez 2007	② Mercado de Flores – Flores
3/4 maio 2008	Sexto Kultural – Chacarita
3 jul 2008	③ IMPA (fábr. recup.) – Almagro
8 out 2008	④ La Nueva Esperanza (fábr. recup.) – Villa Devoto
29 mar 2009	⑤ Estacionamiento Fac. Ciencias Sociales – Recoleta
16/17 ago 2009	IMPA (fábr. recup.) – Almagro
8 dez 2009	⑥ Coop. Gráfica Patricios y Escuela N° 2 D.E. 4 – Barracas
1/2 maio 2010	Estacionamiento Fac. Ciencias Sociales – Recoleta
16/17 out 2010	⑦ Chilavert Artes Gráficas – Nueva Pompeya
8 dez 2010	Estacionamiento Fac. Ciencias Sociales – Recoleta
21/22 maio 2011	⑧ Parque España – Barracas
14/15 out. 2011	⑨ Facultad de Filosofía y Letras – Caballito
10/11 dez. 2011	⑩ Asamblea de Palermo/Mercado recuperado – Palermo
17 ago. 2012	⑪ Sala Alberdi – San Nicolás
13/14 jul. 2013	⑫ Ex-Padelai – San Telmo
11/12 abr. 2015	⑬ Corralón de Floresta – Floresta

²¹ Lucas Amuchástegui, “Lo primero es la FLIA”, *Lamás Médula*, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.revistalomasmedula.com.ar/nro2/nota3.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

²² Esta não é uma lista exaustiva. Sabe-se que muitas outras edições da FLIA foram realizadas, mas a informação sobre muitas delas é de difícil acesso.



I de independente, A de ambíguo, K de kilombo

Fórum Social Mundial. Internacional Errorista. Madres de Mayo. Indymedia. Copyleft. Assembleias populares de bairro. Pós-feminismo. Comunicação e educação popular. Os diferentes rótulos, vínculos e projetos que emergem na trajetória de alguns dos primeiros jovens a moldar a FLIA permitem situá-los como ativistas ou militantes vinculados a causas progressistas de diferentes teores e matrizes. Quase todos eles nascidos no decorrer dos anos 1970, na primeira metade dos anos 2000 eles estão chegando à juventude, vivendo-a plenamente ou voltando a ela por improviso – arrancados que foram, alguns, de certas zonas de conforto. Seus cursos de vida se encontrarão, naquele instante, premidos entre um momento dramático da história de seu país e uma conjuntura

internacional complexa, que desafia as convicções cultivadas em suas instâncias de socialização na década anterior.

A participação desses produtores culturais em coletivos de engajamento político e intelectual conflui para o *modus operandi* da FLIA e para as distintas formas com as quais ela se projeta na cena pública. Decantando os sentimentos dos anos anteriores – a descrença no sistema político-eleitoral e nas promessas do (des)governo neoliberal, os sentimentos contraditórios com relação à globalização dos mercados em geral e da produção simbólica em particular –, eles fazem emergir novas formas de participação na vida pública que tendem ora para uma culturalização da política, ora para uma politização da cultura. De acordo com o relato celebratório daquele mesmo poeta e editor que entra em contato com a revoada da FLIA, ela

Surge a partir da ideia de alguns jovens (não diremos nomes, façamos de conta que são todos guerreiros do tempo) de romper com as estruturas rígidas que supõe qualquer evento organizado por autoridades cujos tendões criativos e administrativos estão cheios de amido, enxofre, e pescoços duros como os de qualquer estátua de Sarmiento. [...] Eles, a Flia, dizem que na verdade nunca houve nada muito organizado, e sim vontade e algum conceito político que andava rondando os intelectos e as intuições dos primeiros expositores. Não acreditam que o que fazem seja anarquia, literatura punk, movimento de protesto com ecos setentistas, ou mero prazer pelo *kilombo*. Ao contrário, pensam que todas essas ideias são uma ótima terra fértil para cultivar as plantinhas de uma nova forma de entender a arte em todas as suas etapas: criação, produção, venda e consumo.²³

Esse discurso é revelador da mística que vai se construindo em torno da FLIA – de dentro para fora, mas também vice-versa. Parte importante dessa mística diz respeito ao caráter de desordem, bagunça e anarquia que rege a atividade de seus protagonistas. Em diálogos que manteve com editores de várias idades e com jovens de Buenos Aires dedicados a atividades culturais e intelectuais, a menção à FLIA quase sempre convocava o imaginário de um agregado *hippie* ou anarquista que ostenta um *ethos* lúmpen não necessariamente correspondente à extração social de seus artífices. E, tal como pude observar nas incursões que realizei às reuniões do grupo e às próprias feiras, essa imagem do grupo é objeto de autorreflexão ora celebratória, ora problematizadora²⁴. Por

²³ Lucas Amuchástegui, “Lo primero es la FLIA”, op. cit.

²⁴ Em uma das reuniões de trabalho da FLIA Capital em que o grupo discutia detalhes de uma série de cursos e oficinas que eles ministrariam com o objetivo de divulgar a feira e arrecadar fundos para sua realização, um dos integrantes argumentou: “Nós temos essa imagem de *hippies* por aí, então seria legal mostrar que também conseguimos organizar algo estruturado”.

um lado, alguns membros cultivam com orgulho certa apologia à desorganização e ao equívoco, no melhor estilo errorista: “a falha como perfeição, o erro como acerto”²⁵. Por outro lado, ponderam-se os trunfos simbólicos e políticos que a FLIA pode deixar de alcançar considerando-se a pecha de *quilombo* que lhe atribuem certas frações da população portenha pouco dispostas à subversão da ordem e do ordenamento urbano. Sobre esse termo, que aparece também no relato de Amunástegui, vale esclarecer:

A palavra quilombo, já própria do lunfardo de Buenos Aires, de origem angolana (*kilombo*, em língua kimbundo), chega aos argentinos pelo português brasileiro, como muitas outras coisas fundamentais. Em português significa o espaço tomado, construído, conquistado por escravos fugitivos, onde conviviam também outros sujeitos marginalizados da ordem colonial portuguesa, como judeus, árabes ou índios. Em sua primeira acepção argentina, quilombo é um prostíbulo. Em ambos os casos, designa um espaço que reúne sujeitos marginalizados, que questionam e, ao mesmo tempo, complementam o funcionamento das instituições hegemônicas: a família burguesa, a fazenda e o modo de produção escravista. Em sua acepção moderna portenha, quilombo é, além de um problema, uma bagunça, um descontrole, um espaço que não respeita a norma da ordem e o progresso, do bom gosto.²⁶

A linguagem é o lugar por excelência da construção desse *ethos* de subversão da ordem social. O uso frequente da letra K nos materiais de divulgação da FLIA – em palavras como *kilombo*, *rekuperado*, *kultura*, *kasa* – remete diretamente a movimentos contestatórios de matriz anarquista, como o Movimento Okupa (de recuperação de terrenos e imóveis desabitados na luta pelo direito à moradia), ainda que produza, neste caso, um eco com o K que se costuma usar em referência ao kirchnerismo.

Também a rotatividade e volatilidade do)A(na sigla FLIA – com seus parênteses invertidos, indicando a abertura em oposição ao fechamento – é outro signo paupável de que seus agitadores a concebem não apenas como expressão de um estilo de presença no campo da cultura, mas como movimento articulador e propositor de estilos ou modos de vida de maneira mais ampla. Os significados que a letra assume, tomados individualmente ou em conjunto, sintetizam os projetos societários que os textos programáticos do grupo e as lutas sociais que ele subscreve confirmam. Funcionam como

²⁵ Loreto Garín Guzman, “Internacional Errorista”. Disponível em: <<https://loretogaringuzman.wordpress.com/internacional-errorista/>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

²⁶ Cecilia Palmeiro, *Desbunde y felicidad*, op. cit., p. 172. Parece-me que, do ponto de vista brasileiro, o estranhamento que se gera pelos usos do termo “quilombo” pelos portenhos é um choque produtivo, sobretudo quando se consideram (1) os sentidos positivos que, pela inculcação escolar, o brasileiro médio tende a atribuir ao termo, como símbolo da resistência dos negros escravizados; (2) a recuperação dessa positividade por frações contraculturais portenhas, em oposição ao uso negativo, que ali é hegemônico.

emblemas dos repertórios políticos e intelectuais trazidos à baila por seus integrantes a partir de experiências diversas de militância ou filiação ideológica.

Alternativa, afetiva, amiga, amorosa, andarilha, aberta, aloucada... Todas as palavras que o “A” convoca para o grupo são expressões conjunturais de uma estrutura de sentimentos que se gera, naquele momento, em frações da juventude portenha interessadas em elaborar formas de produção e circulação da cultura – em particular da literatura e do pensamento social crítico – livres das amarras que o Estado, o mercado e as instituições imporiam. Propõem formas de articulação *desde abajo*, baseadas nas relações de camaradagem e cooperação, em consonância com o espírito das *assembleas barriales* que pululam por toda a cidade a partir de 2001.

Particularmente relevante é o “A” de “autogestionada”, que se inscreve nesse momento preciso da história política e econômica argentina no qual a “autogestão” (re)aparece de forma sistemática para narrar o fenômeno dos edifícios, fábricas e centros culturais recuperados pela sociedade civil, que passa a administrar esses espaços recusando o controle ou a tutela do Estado e da iniciativa privada. Tomados como movimentos de recoletivização laboral que respondem a processos agudos de desemprego, informalidade e precarização²⁷, os empreendimentos autogestivos – e, particularmente, as chamadas ERT (empresas recuperadas por seus trabalhadores) – tornam-se o maior emblema da busca de alternativas de trabalho face ao esgotamento do modelo neoliberal de desindustrialização adotado na década de 1990.

Para os *flieros*, a autogestão “é o único modo de manter a independência”, definida aqui como a capacidade de “existir por si mesma, sem pedir patrocínio nem ajuda governamental ou privada, mas sim poder gestar um encontro das pessoas, para as pessoas, feito pelas pessoas. Sem insígnias, sem bandeiras, sem dogmas”²⁸. Ao mesmo tempo, essa ideia de autogestão se coaduna às de autonomia e soberania, e o sentido da independência se torna (ou volta a ser) geopolítico, particularmente com a difusão da FLIA por outros países da região:

²⁷ Gabriela Wyczykier, “Sobre procesos de autogestión y recolectivización laboral en la Argentina actual”, *Polis: Revista de la Universidad Bolivariana*, vol. 8, n. 24, 2009, p. 197-220.

²⁸ FLIA, “¿Qué es la F.L.I.A.?”, s.d. Disponível em: <<http://feriadellibroindependiente.blogspot.com.ar/p/que-es-la-flia.html>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

Pouco a pouco, fomos tomando consciência de que esta cultura e identidade, e dizemos latino-americana, já transpassou as barreiras e obstáculos que impõe o sistema mercantil capitalista. Acreditamos na união dos povos e que seu laço é nossa independência, a liberdade que nasce de autogovernarmo-nos e gestionarmo-nos como raça da mãe-terra.²⁹

Também no terreno da linguagem, o caráter de agrupamento plasmado por ideais comuns e a pregnância das práticas e representações da FLIA nos círculos de cultura jovem alternativa dão ensejo à criação de um léxico próprio, relacionado ao acrônimo que lhe dá nome. Os participantes denominam-se a si mesmos *flieros*, adjetivo que pode se referir ora ao grupo restrito de pessoas envolvidas na organização, execução e divulgação do evento, ora também aos expositores (*puesteros*) e ao público presente à feira. Na rede social Facebook – que, aliás, nasce no mesmo ano da própria FLIA –, o grupo de interação que reúne seus participantes chama-se *Affiliate*, referência paródica à palavra *affiliate*, forma imperativa do verbo *afiliarse*. Tal apropriação-subversão não deixa de ser emblemática do processo pelo qual a FLIA se impõe como vínculo de afeto fraternal, ainda que fluido ou inconstante. Por fim, além das feiras, o grupo chegou a promover algumas *fliestas*, com apresentações de música, poesia e teatro, exibição de filmes e venda de comida, com o objetivo de arrecadar fundos para a realização das feiras propriamente ditas. A formação desse vocabulário singular, à moda de tribo ou seita, reforça a impressão de que existe um universo compartilhado de ações e convicções. Exacerba, também, o caráter reiterado, permanente e identitário dessa experiência, plasmada por sentimentos de afeto, ganas de cooperação, éticas do desinteresse.

Espraiamento *fliero*

O “A” rotativo da FLIA pode significar muita coisa, menos “argentina”. Mesmo quando o movimento se restringia a Buenos Aires e não possuía as pretensões latino-americanistas que passou a ter à medida que seus repertórios se difundiam pela região, seus antecedentes antiestatais (e certamente antipatrióticos) evidentemente desautorizariam uma apropriação tão evidente, num país onde tantas siglas terminam em “A” ou “Ar”. Uma das características mais distintivas da FLIA é, justamente, a amplificação que ela logra obter em vários outros quadrantes do país e em outros países latino-americanos. Esse

²⁹ Idem, *ibidem*.

modelo de feira autogestionada, realizada em espaços públicos e vinculado a causas sociais receberá outros nomes em alguns casos, mas na maioria deles manterá a marca FLIA, denotando laços de afinidade ideológica e criando a fachada de “movimento social” descentralizado, com células autônomas porém interligadas. Nesse sentido, a FLIA poderia ser descrita como uma rede translocal de ativistas culturais que atinge escala internacional. Buenos Aires funciona como centro irradiador dessa rede e, embora não se reivindique como polo de controle ou de imposição de normas para essas iniciativas em distintas cidades do continente, a FLIA Capital exerce um papel de afluência sobre elas.

São dois os veículos fundamentais desse espraiamento da FLIA, pelo menos num primeiro momento. O primeiro deles é o contato direto entre os *flieros* de Buenos Aires e outros escritores, editores e ativistas situados fora da cidade, principalmente de seus arredores e de outras províncias argentinas. São produtores culturais que, tendo estabelecido com seus homólogos portenhos contatos prévios ou por ocasião da própria FLIA, passam a fazer parte de sua hoste de colaboradores. Muitas vezes, viajam a Buenos Aires para participar da feira e, depois, reproduzem o modelo em seus locais de origem. Em outros casos, ainda, são os próprios *flieros* portenhos que se deslocam, mantendo contato com os agitadores culturais de outras localidades e ajudando, com essas relações de aprendizado, a implantar a FLIA por onde passam. Um segundo veículo, tão importante quanto o primeiro, são os diálogos que se estabelecem por meio da internet. Se a FLIA estende seus tentáculos em tantas direções, é porque todas elas têm como vetor as múltiplas relações que vão se formando pelas redes virtuais. Considerando-se o momento histórico em que a FLIA surge e as frações que ela arregimenta, seria impossível ignorar o papel dessas redes sociais, dos *blogs* e dos grupos virtuais de discussão na formação desse conjunto desterritorializado de feiras *afiliadas* entre si.

Algumas das principais células da FLIA fora da capital argentina se instalarão em seus arredores. Um dos centros mais ativos é La Plata, onde a FLIA já chegou à sua 21ª edição. Em 2009, numa das reuniões de organização da FLIA em Buenos Aires, surge a ideia de realizar uma edição em La Plata, capital da província de Buenos Aires, situada a menos de 60 quilômetros da capital do país. A primeira edição se realiza, então, em 12 de setembro daquele ano no Centro Cultural y Social Olga Vázquez, um espaço autogestivo sediado numa antiga escola abandonada e cujos ocupantes, naquele momento, lutavam

por sua expropriação definitiva. Constatam, entre os organizadores dessa edição inaugural, os editores de Vomitarte, Morosophos, Meras Conjeturas e Pixel Ediciones, entre outros. Seguindo os princípios de seus homólogos portenhos, a FLIA platense tem acontecido nos chamados “territórios em disputa”, sobretudo espaços abandonados e ocupados por organizações da sociedade civil. Dentre eles, é possível mencionar o Galpón Tolosa, antiga instalação ferroviária que foi *okupada* no início de 2008 e onde chegaram a realizar-se oficinas de todo tipo, atividades de discussão política e uma horta orgânica.

Outro local onde ocorreram várias edições é o Centro por los Derechos Humanos “Hermanos Zaragoza”. O local leva o nome dos irmãos Chilo e Neco Zaragoza, antigos militantes da Federación Juvenil Comunista, o primeiro deles assassinado em 1975 pela Triple A (Alianza Anticomunista Argentina), o segundo deles sequestrado em 1977 por agentes do regime militar e ainda hoje desaparecido. A casa, onde vivera até recentemente a mãe dos dois jovens, integrante da Madres de la Plaza de Mayo, tornou-se um centro autogerido de discussões sobre as violações aos direitos humanos. Outros locais de realização da FLIA La Plata incluem o Centro Cultural y Social Mansión Obrera, o Centro Cultural Estación Circunvalación, o Centro Cultural Daniel Omar Favero, e outros espaços com históricos de luta social, apropriação por movimentos da sociedade civil e disputa por reconhecimento e expropriação pelas autoridades. Em outros casos, a FLIA uniu esforços a grupos de militância (LGBT, Occupy, Cambio Global etc.), instalando a feira em apoio a suas causas mais gerais e/ou a reivindicações específicas.

Ainda nos arredores da capital federal, outra célula importante é a FLIA Oeste, que desde 2011 tem acontecido em distintas localidades da parte ocidental do conurbano bonaerense, como Ituzaingó, Castelar, Moreno, Morón e Merlo. Em 2015, chegou à sua 15ª edição, tendo sido realizada sobretudo em centros culturais da iniciativa popular e em espaços públicos, como praças e parques. Em uma convocatória veiculada em seu blog, seu grupo organizador declara:

A flia oeste é uma loucura linda de livros arte e amor, um tornado de vento autogestivo e livre..é certo. Disso não há dúvida. Mas para seguir assim precisamos da participação de todas, não só os dias da feira, mas sobretudo nas reuniões abertas, nas jornadas de trabalho... Somos um grupo de loucas e loucos que queremos seguir adiante com esse coletivo alternativo à cultura oficial, patrocinada, “facha” e excludente [sic]. [...] Por isso te esperamos nas reuniões às quartas-feiras 18h na casa frida... Ituza sur.. Não é necessário que você seja artista, somente que seja pessoa, cachorro ou ser vivo, e tenha vontade de

juntar-se e mexer as mãos, os pés e as ideias pela cultura e pela arte independente. Não relaxemos, que se não o sistema nos abduz...³⁰

Além das flagrantes marcas de posicionamento ideológico, o texto traz outra das características recorrentes nos materiais que os grupos *flieros* espalhados pelo continente tratarão de fazer circular via internet: a ênfase na participação coletiva como condição básica de realização do evento. O certo é que a continuidade das FLIAs nas distintas localidades onde chegou a realizar-se dependeu e ainda depende, mais que nada, do engajamento desses jovens nessas atividades “desorganizativas” – como alguns deles denominam – e nas possibilidades subjetivas e materiais que possuem, num dado momento, de não esmorecer em seus esforços de levar a FLIA adiante. Afinal, trata-se de uma iniciativa que, por seus próprios princípios ideológicos, possui baixos custos econômicos e não depende de apoios oficiais para realizar-se. Então caberia perguntar, de dentro e de fora, que motivos levam a que os distintos grupos promotores da FLIA consigam ou não dar continuidade ao projeto.

Além da FLIA La Plata e da FLIA Oeste, seria possível mencionar outras, como Rosário e Córdoba, onde logrou-se dar alguma continuidade ao empreendimento. Em outras, em contrapartida – e sobretudo nos centros urbanos de menor porte populacional –, as FLIAs tiveram uma existência esporádica. Para não cair na enumeração exaustiva, cumpre dizer que no território argentino a FLIA chegou a localidades tão diferentes quanto Luján, Puerto Madryn, Punta Lara, Misiones, Neuquén, Bahía Blanca... Por fim, Santiago do Chile (provavelmente, a primeira a realizar-se fora da Argentina), Montevideú, Bogotá, Quito, Lima, Caracas, Oaxaca e Pelotas são algumas das cidades onde se criaram versões internacionais da FLIA, algumas com continuidade, outras não. A variedade e debilidade das fontes, a ausência de instituições oficiais dando-lhes guarida, bem como a falta de um registro coletivo comum, tornam bastante difícil mapear esse espraiamento. Tampouco é tarefa simples conhecer os móveis singulares de sua realização, de seus êxitos e fracassos em cada um dos contextos nos quais a FLIA se instaura.

A pergunta contrafactual que se pode formular, por fim, é: a FLIA teria conquistado tal espraiamento se tivesse surgido em alguma cidade do interior da Argentina ou em outra

³⁰ “La FLIA la hacemos entre todxs”, 10 fev. 2012. Disponível em: <<http://fliaoeste.blogspot.com.br/2012/02/la-flia-la-hacemos-entre-todxs.html>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

capital sul-americana? Pode-se sustentar a hipótese de que o surgimento dessa feira em Buenos Aires e a repercussão que obteve em escala tanto nacional como internacional tem a ver com o papel da metrópole portenha nos debates culturais e políticos da região nesse momento, sobretudo considerando-se a importância da capital argentina como epicentro da profunda crise de 2001.

Se, por um lado, a FLIA pode ser interpretada como o resultado da emergência de novas (ou, pelo menos, renovadas) formas de ação política coletiva como desdobramento da crise, pode-se dizer também que ela própria é, um fenômeno gerador de tais engajamentos, principalmente porque contribui para transferir os princípios da autogestão para o campo da cultura. Por fim, talvez a centralidade desse contexto de *emergência* (em duplo sentido) da FLIA explique, pelo menos em parte, o esgotamento que parece lhe atingir nos últimos anos, quando a crise vai suplantada a partir de respostas do Estado e alguns de seus empreendimentos fundadores passam a manter relações mais próximas com os circuitos tradicionais do mercado livreiro e flertar, inclusive, com os repertórios da “bibliodiversidade” cultivados em outros meridianos desse espaço.

Considerações finais

Este artigo, de caráter eminentemente descritivo, teve por objetivo apresentar algumas das características pertinentes do surgimento e das atividades da FLIA, condensando alguns resultados de uma pesquisa de doutorado cujo objetivo foi compreender o sentido das práticas editoriais ditas “independentes” em Buenos Aires e São Paulo. A partir dos dados aqui expostos, interpretei a gênese social do coletivo fundador a partir de três condicionantes: a (re)tomada da prática de fatura do livro impresso com as novas tecnologias de edição e impressão; os dilemas da juventude argentina no pós-crise, quando novas formas de articulação cultural se tornam lugar privilegiado para expressar urgências geracionais fora dos partidos e dos movimentos sociais; e o resgate de repertórios de matriz libertária, pavimentado pelos movimentos operários e comunitários de autogestão. Ao expor tais reflexões no âmbito do 18º Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, mobilizarei a noção de “recurso à cultura” de Yúdice (2004) para pensar a FLIA como forma recente de culturalização da política por frações da juventude latino-americana.